

Heteronímia e desassossego: duas figuras pessoais do estranhamento

Régis Salado*

Université Paris Diderot

Tradução do francês: Teresa Ribeiro da Silva

Resumo

A noção de «estranhamento» aplica-se plenamente à obra plural de Fernando Pessoa. Esta noção relaciona-se, em especial, com duas grandes realizações do autor português: a criação heteronímica e a escrita extensa no tempo do *Livro do Desassossego*. Estas duas empresas implicam um questionamento radical do sujeito por diferentes vias. Enquanto a dinâmica da heteronímia através da desmultiplicação das personalidades literárias permite que Fernando Pessoa desenvolva um auto-questionamento irónico a partir do ponto de vista do outro, Bernardo Soares escrutina de forma obsessiva a dissolução do seu próprio ser, convertendo o seu diário fictício num dos mais impressionantes exemplos da moderna «crise susujet».

66 67

Palabras chave:

· Pessoa · heteronímia · desassossego

Abstract

Such a notion as «estranhamento» perfectly applies to Fernando Pessoa's complex work. It is echoed, in particular, by two major achievements of the Portuguese writer: the creation of heteronymy and the life-long writing of the *Book of Disquiet*. Both projects imply a radical question in of the subject, though in different ways: while the dynamics of heteronymy, through the demultiplication of literary personalities, allows Pessoa to develop an ironical self-questioning from the point of view of the other, Bernardo Soares' scrutinizes obsessively his dissolving self, turning his fictitious diary in too neof the most impressive examples of the modern «crise dusujet».

Key words:

· Pessoa · heteronymy · disquiet

* Régis Salado es Maître de conférences en *Literatura Comparada* en la Université Paris Diderot y miembro del CERILAC (Centre d'études et de recherches interdisciplinaires en lettres, arts et cinéma). Sus trabajos giran en torno a las modernidades artísticas y literarias en el ámbito francés, anglófono y lusófono. Ha coeditado *Modernité/Modernism (Textuel, 2008)*, el número de *Esprit Créateur* «Estudios de recepción en Francia» (2009) y *Manoel de Oliveira. L'invention cinématographique à l'épreuve de la littérature* (2015).

Não é de estranhar encontrar a obra de Pessoa no contexto de uma reflexão dedicada às formas literárias do «estranhamento». Esta obra caracteriza-se, com efeito, por todo um conjunto de experiências de descentramento do pensamento que podem ser compreendidas a partir da noção de estranhamento enquanto forma de colocar à prova o sujeito confrontado à alteridade. A criação dos heterónimos por Fernando Pessoa representa precisamente uma dessas experiências de descentramento do pensamento, experiência fascinante não somente devido à sua dimensão e à fecundidade no domínio da criação literária, como também pelo facto que nela se encontra, não só um «descentramento do pensamento» como também um «pensamento do descentramento». A prática de uma escrita plural, desenvolvida por diversas figuras de autores com personalidades literárias distintas é acompanhada, em Pessoa, por um discurso sobre a heteronímia, e é primeiramente a partir destes textos reflexivos em que o escritor se esforça por dar conta do dispositivo heteronímico que poderemos reconhecer no escritor português os elementos de uma verdadeira poética do estranhamento. Num segundo momento, concentrar-nos-emos no *Livro do Desassossego*, texto fragmentário e inacabado em que o sentimento de estranhamento a si próprio é explorado em toda a sua radicalidade.

«O autor fora da sua pessoa»: heteronímia e estranhamento

Os dois textos principais nos quais Pessoa se pronunciou sobre a heteronímia são, por um lado, a apresentação da sua obra numa revista, e por outro lado uma longa carta dirigida alguns meses antes da sua morte a um jovem escritor seu admirador. O primeiro texto, intitulado «Tábua bibliográfica. Fernando Pessoa», é publicado na revista *Presença* em Dezembro de 1928.¹ Este texto, sem assinatura, que se apresenta implicitamente como tendo sido redigido pelos responsáveis da publicação, foi de facto escrito pelo próprio Pessoa. De certa forma pode-se considerar que nele o escritor se desdobra, já que, sendo o autor anónimo do artigo, é igualmente o sujeito do mesmo, referido na terceira pessoa. Para além de um certo número de informações biográficas e bibliográficas factuais, encontra-se nesta apresentação um esclarecimento que intervém numa altura em que, em paralelo com as obras assinadas com o nome de Pessoa, foram já publicados em revistas vários textos dos três poetas heterónimos (o conjunto destas publicações é recapitulado no final da «Tábua bibliográfica»). Convém citar, deste texto relativamente curto, a passagem na qual Pessoa formula uma distinção decisiva entre obra ortónima e obra heterónima:

O que Fernando Pessoa escreve pertence a duas categorias de obras, a que poderemos chamar ortónimas e heterónimas. Não se poderá dizer que são anónimas e pseudónimas, porque deveras o não são. A obra pseudónima é do autor em sua pessoa, salvo no nome que assina; a heterónima é do autor fora de sua pessoa, é de uma individualidade completa fabricada por ele, como seriam os dizeres de qualquer personagem de qualquer drama seu.

As obras heterónimas de Fernando Pessoa são feitas por, até agora, três nomes de gente — Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos—. Estas individualidades devem ser consideradas como distintas da do autor delas. Forma cada uma uma espécie de drama; e todas elas juntas formam outro drama. (...) As obras destes três poetas formam, como se disse, um conjunto dramático; e está devidamente estudada a entreação intelectual das personalidades, assim como as suas próprias relações pessoais. Tudo isto constará de biografias a fazer, acompanhadas, quando se publiquem, de horóscopos e, talvez, de fotografias. É um drama em gente, em vez de em actos.

(Se estas três individualidades são mais ou menos reais que o próprio Fernando Pessoa —é problema metafísico—, que este, ausente do segredo dos Deuses, e ignorando portanto o que seja realidade, nunca poderá resolver). (Pessoa, 2012:227–228)

68 69

Em primeiro lugar deve-se notar que o termo «heterónima», que Pessoa usa aqui pela primeira vez num texto publicado, contem a noção de alteridade. O heterónimo é o nome «outro», ou «o outro» do nome próprio, ou ainda o nome enquanto alteridade. Em segundo lugar, nesta apresentação em que ele procura explicar a sua forma de criação poética, Pessoa tem o cuidado de distinguir claramente entre o que é «obra heterónima» e o que é «obra pseudónima», encontrando-se esta última do lado do falso, da dissimulação e da mistificação literária. Esta diferença fundamental entre pseudónimo e heterónimo, que alguns dos primeiros comentadores da obra não quiseram ou não souberam ver, coloca precisamente a questão da identidade e da alteridade: no caso do pseudónimo o autor permanece o mesmo sob um outro nome, mantem-se «em sua pessoa», enquanto que na obra heterónima o autor está «fora da sua pessoa». Em referência a Blanchot poder-se-ia qualificar a escrita heteronímica tal como aqui definida por Pessoa enquanto *expérience d'undehors*, e em termos deleuzianos poderíamos reconhecer nesta experiência do «fora» uma forma de *déterritorialisation*. É aliás para um outro conceito de Deleuze, o *devenir-autre*, que nos remete a expressão utilizada por Pessoa num texto um pouco mais tardio que não foi publicado, e no qual ele forja o neologismo «se outrar» para designar o que se encontra em jogo na escrita heteronímica.²

No que respeita à comparação entre a criação heteronímica e o trabalho do dramaturgo, podemos considerar que esta tem antes de tudo uma função didática, mas tal analogia é redutora na medida em que oculta parcialmente a singularidade da heteronímia. Com efeito, os heterónimos são mais do que personagens de teatro com uma linguagem que lhes seria própria. Cada um deles é criador de uma obra dotada de real autonomia: autonomia interna porque cada heterónimo possui um estilo que lhe é próprio e desenvolve uma visão do mundo original, inscrita em formas literárias específicas; e uma espécie de autonomia externa que resulta do facto de os textos dos heterónimos serem na maior parte dos casos publicados unicamente sob estas identidades, e ainda, como se verá, por fazerem intervenções no espaço público. Portanto, os heterónimos não se encontram acantonados no interior de uma peça de teatro, antes dispõem de uma forma de existência que lhes é própria. O que explica que Pessoa mencione a possibilidade de completar

os heterónimos através de um paratexto composto por elementos biográficos, horóscopos, e até fotografias. Poderá haver neste projecto uma forma de humor pessoano. Contudo, tal iniciativa é reveladora da sua vontade de ir ao fundo da lógica da ficção heteronímica, que consiste em atribuir aos heterónimos o grau mais elevado de existência. Nesta perspectiva, a observação feita, também ela em tom jocoso, acerca do maior ou menor grau de realidade dos seus heterónimos ou dele mesmo não deve ocultar um elemento essencial sobre o qual Pessoa insiste em todos os seus escritos acerca da heteronímia: o poeta ortónimo, «Pessoa em pessoa», deve ser colocado ao mesmo nível que os poetas heterónimos. Por esta razão, não existe hierarquia ou esquema de inclusão segundo os quais o ortónimo incluiria os heterónimos, sendo que cada uma das obras e das personalidades literárias que as levam dispõe do mesmo estatuto ontológico face à criação literária. Por outras palavras: não existe uma transcendência de Fernando Pessoa-poeta em relação à constelação heteronímica. Enquanto poeta, Fernando Pessoa representa só uma voz poética entre outras, no interior de um dispositivo plural irredutível a uma estrutura vertical que colocaria sob a autoridade de um criador singular a polivocalidade heteronímica. Neste sentido, podemos falar de uma poética do estranhamento, na medida em que a obra heteronímica implica que a criação se situa numa exterioridade («fora da sua pessoa») que converge precisamente para a etimologia do termo «estranhamento» (*extraneus* significa, em Latim, «vindo de fora, exterior»). Enquanto dispositivo concertado, a heteronímia abre assim uma possibilidade de distância no interior do espaço de criação, de um «estranhamento» no sentido de afastamento de si, através do processo de devir-outro. Este processo de descentramento transporta em si a possibilidade de um questionamento dialógico da criação poética e de uma transformação daquele que, para ser «criador de tudo», não deixa contudo de ser alterado quando se torna, pela dinâmica própria à heteronímia, o outro dos seus outros. Esta dinâmica foi descrita com perfeição pelo próprio Pessoa num célebre texto, quase testamentário, designado pelo título «Carta sobre a génese dos heterónimos».³

Nesta longa carta de Pessoa para o jovem escritor e animador da revista *Presença*, Adolfo Casais Monteiro, que o havia interrogado acerca da heteronímia, Pessoa entrega-se, mais de vinte anos após os acontecimentos, a um relato das circunstâncias da aparição dos heterónimos:

Num dia (...) —foi em 8 de Março de 1914— acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, «O Guardador de Rebanhos». E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutra papel e escrevi, a fio também, os seis poemas que constituem a «Chuva Oblíqua», de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa-Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua própria inexistência como Alberto Caeiro. Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir —instintiva e subconscientemente— uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o *via*. E, de repente, e em derivação oposta à de

Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a «Ode Triunfal» de Álvaro de Campos —a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem.

Criei, então, uma *coterie* inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim, e parece que assim ainda se passa. Se algum dia eu puder publicar a discussão estética entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos, verá como eles são diferentes, e como eu não sou nada na matéria. (Pessoa, 2012:277–278)

Importa sublinhar alguns pontos essenciais deste texto surpreendente, que constitui ao mesmo tempo uma espécie de «mito das origens» da heteronímia, e uma explicação do que se encontra em jogo neste dispositivo. A primeira observação que uma leitura destas linhas suscita é que a heteronímia produz-se como surgimento simultâneo dos poemas e do nome do autor. O que aparece, com os textos do «Guardador de rebanhos», é uma voz poética inédita, que Pessoa reconhece de imediato como sendo distinta da sua e que nomeia, no momento que se segue à escrita dos poemas, Alberto Caeiro. Poema e poeta são indissociáveis neste surgimento de aspecto sobrenatural mas que não é contudo portador dessa inquietante estranheza assimilável, segundo a filósofa Barbara Cassin, à angústia do indivíduo moderno ao descobrir que mesmo dentro de si não está em si.⁴ Neste aspecto, a heteronímia tal como Pessoa dela dá conta, é uma figura do estranhamento desprovida de qualquer forma de angústia. Segundo ponto, a heteronímia é plural (manifestam-se vários heterónimos) e é caracterizada por uma dinâmica dialógica, um jogo de acções/reacções, no qual Pessoa em pessoa, o poeta «ortónimo», é ele mesmo afectado na sua própria voz poética: escreve «em reacção» ao surgimento de Caeiro uma série de poemas diferentes do que até então havia escrito. Por outras palavras, «Pessoa em pessoa» não é o mesmo poeta antes e depois da escrita dos poemas do «Guardador de rebanhos»: fica alterado por Caeiro. Neste sentido, poder-se-ia dizer sobre o ortónimo que ele é heteronimizado pelo seu próprio heterónimo. De facto, esta hipótese verifica-se quando nos referimos aos poemas aqui mencionados do ciclo «Chuva oblíqua». Constatamos que esses poemas, cujo manuscrito é datado de 8 de Março de 1914 mas que só serão efectivamente publicados em 1915 pela revista *Orpheu*, são o espaço de uma experiência inédita na poesia de Pessoa ortónimo. A inovação deste ciclo de seis poemas, qualificados pelo autor como poemas interseccionistas, consiste em introduzir em dois versos consecutivos ou no interior do mesmo verso, planos de realidades diferentes. Sem enveredar pelo detalhe, podemos assinalar a correlação entre, por um lado, a técnica que Pessoa inaugura neste poema —técnica de justaposição e de cruzamento no espaço do poema de planos de realidade separados— e por outro o fenómeno da heteronímia enquanto coexistência no espaço da criação poética pessoana de vozes e pontos de vista heterogéneos entre si. Tudo se passa como se a pluralidade, espectacularmente manifestada no surgimento heteronímico, encontrava um eco imediato na própria forma da escrita destes poemas, que são a reacção de Fernando Pessoa à sua «inexistência» enquanto Alberto Caeiro. Mas prossigamos a análise. Depois de Alberto Caeiro e a reacção de Fernando Pessoa, surgem Ricardo Reis e Álvaro de Campos por «derivações completamente opostas». É pois uma dinâmica de acção-reacção análoga à desencadeada pela aparição de Caeiro que preside ao

surgimento dos outros dois heterónimos. Qualquer que seja a realidade do que efectivamente teve lugar no dia 8 de Março de 1914 —realidade naturalmente inverificável— é notável que Pessoa insista na sua narrativa sobre o aspecto dinâmico, até agonístico, do processo. Esta dimensão reactiva e conflitual caracteriza enquanto profundamente dialógica a polifonia heteronímica. As obras dos diferentes heterónimos têm uma capacidade de se afectarem mutuamente, e se Caieiro parece beneficiar de um privilégio na medida em que é reconhecido enquanto «Mestre» pelo próprio Pessoa (como o será igualmente pelos outros heterónimos em outros textos), esta posição não acarreta contudo que Caieiro tenha a «última palavra». Que não exista uma «última palavra» é precisamente um dos traços do dialogismo tal como Bakhtine o definiu a propósito do romance dostoiévskiano.

Uma observação adicional acerca da «Carta». Se Pessoa assume neste texto uma posição de criador («Criei (...) Fixei (...) Graduei (...)»), ele acentua igualmente a autonomia do sistema: «Parece que tudo se passou independentemente de mim». Tal como aparecia já referido na «Tábua bibliográfica» de 1928, «Pessoa em pessoa» não está em posição de superioridade. Encontra-se, enquanto poeta, contido no dispositivo, situação da qual o escritor Pessoa retirou todas as consequências, concedendo a dois dos seus heterónimos a possibilidade de o tomarem a ele, Fernando Pessoa, por objecto de discurso. Sucede assim que por diversas vezes Campos ou Reis fazem comentários sobre Pessoa, em textos de que alguns foram publicados, onde os dois heterónimos debatem questões estéticas, ou evocam a figura de Caieiro, prematuramente desaparecido em 1915 aos 25 anos (estes textos foram posteriormente reunidos por editores sob o título «a discussão em família», segundo a expressão utilizada pelo próprio Pessoa). Um bom exemplo da inversão pela qual Pessoa se torna objecto de discurso de um dos seus heterónimos encontra-se no texto de Alvaro de Campos «Notas para a Recordação do Meu Mestre Caieiro», publicado na revista *Presença* em 1931: «O meu mestre Caieiro não era um pagão: era o paganismo. O Ricardo Reis é um pagão, o António Mora é um pagão, eu sou um pagão; o próprio Fernando Pessoa seria um pagão, se não fosse um novelo embrulhado para o lado de dentro» (Pessoa, 2012:313).

Mais à frente no mesmo texto, acerca da morte de Caieiro, Campos lança esta farpa acerca de Pessoa: «Eu estava em Inglaterra. O próprio Ricardo Reis não estava em Lisboa; estava de volta no Brasil. Estava o Fernando Pessoa, mas é como se não estivesse. O Fernando Pessoa sente as coisas mas não se mexe, nem mesmo por dentro» (Pessoa, 2012:316).

Num outro nível, poderíamos igualmente citar uma carta de Alvaro de Campos ao editor da revista *Contemporânea*, e nela publicada em Outubro de 1922. Nesse texto Campos ataca Pessoa a propósito de um artigo que este publicou num número anterior desta mesma revista (sobre o poeta homosexual António Botto, texto publicado em Julho de 1992). A carta inicia-se com as seguintes palavras:

Meuquerido José Pacheco:

Venho escrever-lhe para o felicitar pela sua «*Contemporânea*» para lhe dizer que não tenho escrito nada e para por alguns embargos ao artigo do Fernando Pessoa.

Campos prossegue com uma crítica em boa forma acerca da posição que Pessoa expressara antes:

Agora o artigo do Fernando. (...) Continua o Fernando Pessoa com aquela mania, que tantas vezes lhe censurei, de julgar que as coisas se provam. Nada se prova senão para ter a hipocrisia de não afirmar. O raciocínio é uma timidez — duas timidez talvez, sendo a segunda a de ter vergonha de estar calado. (1922:4)

Uma última seta é disparada por Campos no final da sua carta: «Diga ao Fernando Pessoa que não tenha razão.»

É óbvio que entra uma parte de jogo no olhar irónico de Pessoa sobre ele mesmo através do ponto de vista do heterónimo, e poder-nos-íamos contentar, como certos comentadores da obra, em considerar anedóticos ou «não sérios» estes textos em que Pessoa se coloca face ao espelho dos seus heterónimos. Contudo, se os restituirmos na perspectiva do conjunto da ficção heteronímica, nela reconheceremos uma das formas de que se pode revestir o «descentramento» característico desta ficção. Trata-se de uma forma lúdica, é certo, mas é igualmente uma forma significativa pela qual Pessoa manifesta muito literalmente um dos efeitos mais perturbadores da heteronímia. Ela conduz o sujeito que a aplicou a devir o outro do seu outro num vertiginoso processo de reflexividade. Neste sentido, o devir-3ª pessoa de Fernando Pessoa constitui uma figura do estranhamento especialmente original e sofisticada. Para concluir estas observações relativas à propensão de Pessoa em tornar-se uma 3ª pessoa no discurso em 1ª pessoa dos seus heterónimos, recordaremos que a 3ª pessoa é considerada como *non-personne* por Benveniste,⁵ indicação que levaria a colocar a questão do elo existente entre heteronímia e despersonalização, isto é, entre por um lado a desmultiplicação do sujeito criador através de diferentes figuras de autores, e por outro lado a anulação deste mesmo sujeito criador reduzido ao estatuto de não-pessoa. Mais do que de «Pessoa em pessoa», é de «Pessoa em não-pessoa» que neste caso se deveria falar. Aliás, o questionamento do sujeito por si próprio é uma das constantes da poesia ortónima.

Não iremos porém focalizarmo-nos na produção ortónima, mas sim no *Livro do Desassossego*, a cujo autor fictício Pessoa atribuiu o estatuto singular, e único na obra pessoana, de «semi-heterónimo». Neste texto situado a uma menor distância em relação ao autor em pessoa, a exploração do sentimento de estranheza a si mesmo é com efeito levada ao mais alto grau.

«Vou a falar e falo eu-outro»: desassossego e estranhamento

O *Livro do Desassossego* de livro só tem o título. Inacabado quando Pessoa morre, integra cerca de quinhentos trechos redigidos em duas fases entre 1913 e 1920, e depois entre 1929 e 1934. Trata-se de um vasto *work-in-progress* que terá acompanhado Pessoa durante quase a totalidade da sua vida activa enquanto escritor. Deste considerável conjunto de fragmentos, a partir do qual os editores organizam o *Livro* segundo critérios variáveis (cronológicos ou temáticos, por exemplo), somente uns doze foram publicados por revistas em vida de Pessoa. O primeiro, intitulado «Na Floresta do Alheamento», foi publicado com assinatura de Pessoa na revista simbolista portuense

A Águia em 1913, e com a seguinte indicação: «Do *Livro do Desassossego*, em preparação». Outros onze trechos surgem em revistas entre 1929 e 1934, desta feita atribuídos a «Bernardo Soares, Ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa». ⁶ É referindo-se a Bernardo Soares que Pessoa emprega a fórmula de «semi-heterónimo», que desta forma glosa na «Carta sobre a génese dos heterónimos» já referida: «É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de *tenue* à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual» (Pessoa, 2012:280).

Esta apresentação, bem como outros elementos relativos à biografia atribuída por Pessoa a Bernardo Soares (por exemplo a sua condição de empregado de comércio na Baixa lisboeta), permitem considerá-lo duplo parcial do escritor. ⁷ Aliás, a relação de proximidade é confirmada no texto que Pessoa destinava provavelmente a ser o prefácio do Livro: «Fui o único que, de alguma maneira, estive na intimidade dele» (1998:41). ⁸

A palavra «intimidade» tem aqui um particular relevo, sugerindo que a escrita do desassossego encontra-se próxima de Pessoa em pessoa. Prosseguindo nesta linha, podemos reconhecer nos fragmentos do *Livro* uma espécie de diário íntimo, género que Pessoa só de forma fugaz praticou. ⁹ Encontram-se no *Livro* algumas características dessa forma de escrita, tais como, num certo número de fragmentos, a indicação da data, e também a utilização por Bernardo Soares do termo «diário» para designar o seu texto. ¹⁰ Enquanto diário íntimo fictício que Pessoa atribui a outro autor, o *Livro do Desassossego* pertence à constelação heteronímica. Contudo, a natureza da prosa do semi-heterónimo, a que acresce a sua proximidade com «o criador de tudo», constituem, em relação à ficção heteronímica, uma diferença relativamente à experiência do descentramento do pensamento que podemos reconhecer no *Livro*.

A heteronímia, tal como definida na «Tábua» e na «Carta», equivale a uma projecção das virtualidades criadoras de Pessoa em entidades poéticas outras, caracterizadas pelas diferenças existentes em relação ao poeta ortónimo. Nesta medida, podemos compreender o dispositivo heteronímico enquanto a solução poética original através da qual Pessoa conseguiu, até certo ponto, ordenar aquilo a que se referiu como o seu «perigoso feito demasiado multilateral, adaptável a tudo, sempre alheio a si próprio e sem nexos dentro de si». ¹¹ Entra algo do «Eureka!» quando na «Carta sobre a génese dos heterónimos» Pessoa escreve «Foi o dia triunfal da minha vida» (Pessoa, 2012:278). Em contrapartida, a escrita do desassossego, como o sugere o prefixo privativo da palavra, encontra-se colocada sob o signo do «sem». Nos numerosos fragmentos em que Soares comenta o seu próprio texto, as formas negativas acumulam-se, remetendo para uma série de ausências: «Nestas impressões sem nexos, nem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem factos, a minha história sem vida» (1998:54). A dinâmica centrífuga da heteronímia, exploração dos possíveis do verbo poético incarnado em figuras de autores, converte-se no *Livro* na exploração de uma interioridade que se experiencia como vazia, e que se descobre vocacionada para ser apreendida como estrangeira a si mesma. É certo que, como o observa José Gil, existe uma potência criadora própria ao sonhador que é Bernardo Soares. Neste sentido, o

autor do Livro participa ele também na dinâmica do devir-outro: «Le *desassossego* est ce mouvement d'une singularité qui, nes'attachant à rien, est prête à enterrer devenir» (Gil:24). No entanto, a dominante do *Livro* é a de uma procura inquietada, feita por um sujeito que nunca se encontra a si mesmo na escrita. Localizável desde os trechos mais antigos, o sentimento de des-coincidência consigo próprio vivido pelo narrador exprime-se em especial pelo termo «alheamento» que figura no título do primeiro fragmento publicado: «Na Floresta do Alheamento». Este termo, tal como o adjectivo «alheio» que lhe corresponde, inscreve-se perfeitamente na esfera semântica do estranhamento. A sua etimologia latina (*alienus/alienare*) remete para a ideia de estrangeiro, de afastamento, de distanciamento. É aliás uma ficção do estranhamento que se instala «Na Floresta do Alheamento». Neste texto relativamente comprido,¹² o percurso do narrador apresenta-se como um devaneio onírico ao lado de uma espécie de duplo feminino. Ao longo deste percurso produzem-se uma des-personalização, um esvaziamento da interioridade, e uma abertura para uma exterioridade indiferenciada: «A nossa vida não tinha dentro. Éramos fora e outros. (...) Éramos impessoais, ocos de nós, outra coisa qualquer» (Pessoa, 1998:454 e 457). Desde o início a escrita do desassossego é pois estranhamento no sentido do devir-outro, tal como a heteronímia, mas este devir que na heteronímia toma a forma de vozes poéticas incarnadas, segue uma outra inflexão no *Livro*, orientando-se para uma dissolução do sujeito. Nesta perspectiva, o desassossego pessoa no antecipa o que Blanchot dirá sobre *l'écrivain* no *L'Espace littéraire*: «Ce qui parle en lui, c'est ce fait que, d'une manière ou d'une autre, il n'est plus lui-même, il n'est déjà plus personne» (Blanchot:23).

7475

Se o *Livro* regista a escrita de um sujeito, este apaga-se e anula-se no próprio movimento de uma escrita que repete a sua inconsistência. O desassossego interpreta-se então enquanto um devir-escrita de um sujeito que se confunde com a sua prática de *scriptor* ao ponto de só possuir a existência fictícia de «uma vida lida»: «Sou, em grande parte, a mesma prosa que escrevo. (...) Tornei-me uma figura de livro, uma vida lida. (...) vou ficando mais nas imagens do que em mim, dizendo-me até não ser, escrevendo com a alma como tinta, útil para mais nada do que para se escrever com ela» (Pessoa, 1998:200–201).

A reflexividade da escrita íntima conduz, no caso de Soares, a uma forma de despersonalização radical: «De tanto pensar-me, sou já meus pensamentos mas não eu» (200). Ao escrever-se, o autor do *Livro* apreende-se como «outrem», como um ser «alheio» na sua essência: «Vou a falar e falo eu-outro» (200). O que o hífen presente neste neologismo pessoano exprime é a irredutível alteridade do «eu» quando tenta dizer-se. Ao reler-se, longe de se reencontrar, Bernardo Soares vive a estranha experiência de se descobrir outro no espelho da sua escrita: Estas páginas, em que me registro com uma clareza que dura para elas, agora mesmo as reli e me interrogo. (...) Releio? Mentil! Não ousou reler. Não posso reler. De que me serve reler? O que está ali é outro. Já não compreendo nada» (97).

Nesta operação da releitura característica da prática do diário íntimo, Bernardo Soares experiencia, como o fazem muitos autores de diários íntimos,¹³ «l'inconsistance de soi» (Pachet:9). O autor do *Livro* torna esta inconsistência em matéria de uma obra animada por um movimento perpétuo, em acordo com a sensibilidade sismográfica de um sujeito cuja unidade se perdeu. Tal como uma disposição existencial e uma tonalidade fundamental do ser (aqui ocorre-nos a palavra alemã *stimmung*, tão difícil de traduzir), o desassossego é ainda movimento de uma escrita

inquieta, colocada sob os auspícios do «l'interminable, l'incessant», para retomar as palavras de Maurice Blanchot no *L'Espace littéraire*. Deste ponto de vista, podemos considerar que o *Livro do desassossego* leva até o seu limite uma tendência profunda das escritas da modernidade, de uma modernidade trabalhada pelas forças, tão perturbadoras quanto criadoras, do estranhamento.

Notas

¹ Fundada em Coimbra em 1927 por um grupo de jovens escritores, a revista *Presença* (1927–1940) teve um papel importante no reconhecimento em Portugal da obra de Fernando Pessoa, tanto pela publicação de diversos textos seus como pelo trabalho crítico aí apresentado em torno desta obra.

² Pessoa tinha previsto reunir a produção dos poetas heterónimos Caetano de Almeida, Reis e Campos num livro intitulado *Ficções do Interlúdio*, para o qual redigiu um projecto de prefácio no qual se pode ler: «nas *Ficções do Interlúdio* predomina o verso. Em prosa é mais difícil de se outrar» (Pessoa, 2012:239).

³ A carta é datada de 13 de Janeiro de 1935. Pessoa morreu em Novembro do mesmo ano. Trata-se, com efeito, de um texto pessoal, mas é óbvio que Pessoa escreveu a carta na perspectiva de uma publicação (dela fez várias cópias, e indicou ao seu correspondente que a carta poderia ser publicada posteriormente, o que de facto aconteceu depois da morte de Pessoa, em Junho de 1937 no nº49 da *Presença*).

⁴ Barbara Cassin escreve o seguinte na entrada «Heimat» do *Vocabulaire européen en des philosophies*: «se rendre compte qu'on n'est même pas chez soi en soi, telle est l'angoisse du sujet moderne devant l'*unheimliche*». (Cassin:548).

⁵ Benveniste, «xx. La nature des pronoms» (256).

⁶ Pessoa tinha, num primeiro momento (*circa* 1915) atribuído o *Livro* a Vicente Guedes, outra personalidade de literária sua, surgida no fim de 1909. No entanto, esta atribuição nunca se tornou oficial, já que nenhum trecho do *Livro* foi publicado sob este nome em vida de Pessoa. Será de notar que a edição do *Livro do Desassossego* organizada por Teresa Sobral Cunha para o editor Relógio d'Água apresenta na capa os dois nomes: Vicente Guedes e Bernardo Soares.

⁷ No prefácio dos *Escritos autobiográficos* de Pessoa, Richard Zenith sublinha a proximidade entre Bernardo Soares e Fernando Pessoa: «a fronteira entre “si-mesmo” e “si-outro” nem sempre é nítida. No caso de Bernardo Soares é tão pouco nítida que o seu criador lhe chamou “semi-heterónimo”, e o leitor em busca de escritos autobiográficos de Pessoa faria bem em com o eçarpelo *Livro do Desassossego*» (Pessoa, 2003:14).

⁸ Retomado em quanto «Prefácio» assinado por Fernando Pessoa na edição de Richard Zenith para Assírio & Alvim, este texto-quadro, próximo das *fictions d'éditeur* dos romances do século XVIII, narra como o «verdadeiro» autor do *Livro* teria confiado a Pessoa a tarefa de

publicar o seu manuscrito. Jerónimo Pizarro, responsável da edição crítica do *Livro do Desassossego*, atribui a este «Prefácio» a data aproximada de 1915–1917, ou seja, a primeira fase da escrita, quando o *Livro* ainda era atribuído a Vicente Guedes.

⁹ Foi encontrado um primeiro conjunto de uma dezena de páginas em inglês para o período Março-Junho 1906, um diário com umas trinte páginas em português para o período de Fevereiro-Maio de 1913, e, novamente em inglês, uma dezena de páginas com datas de Novembro-Dezembro de 1915 (cf. Pessoa, 2003).

¹⁰ Ver em especial os trechos «Diário ao acaso» e «Diário lúcido» (Pessoa, 1998:430–431), tal como o *incipit* do trecho 476: «Parecerá a muitos que este meu diário, feito para mim, é artificial de mais» (415).

¹¹ Carta de 19-1-1915 a Armando Côrtes-Rodrigues (Pessoa, 2012:138).

¹² Na edição do *Livro do Desassossego* aqui utilizada, Richard Zenith optou pela inclusão destes textos mais compridos na secção denominada «Os Grandes trechos». Estes trechos, que Pessoa na sua maioria escreveu entre 1913 e 1914, caracterizam-se pelo estilo marca da mente pós-simbolista.

¹³ O *Journal* de Amiel, do qual Pessoa possuía uma edição parcial em dois volumes, contém profusas observações acerca deste sentimento de inconsistência: «Samedi 5 septembre 1857. Bref, j'assiste au lent mouvement de dissolution de mon être» (Amiel:238) A proximidade existente entre Soares e Amiel, ambos se sentindo estrangeiros a si mesmo são se relerem, é sensível nesta frase do *Journal* com data de 19 de Abril de 1876: «Le journal intime me dépersonnalise telle ment que je suis pour moi un autre et que j'ai à refaire la connaissance biographique et morale de cet autre» (citado em Pachet:165).

76 77

Referencias bibliográficas

- AMIEL, HENRI-FRÉDÉRIC (2011). *Journal intime. L'année 1857*. Lausanne: L'Âge d'Homme.
- BENVENISTE, ÉMILE (1966). *Problèmes de linguistique générale. 1*. Paris: Gallimard.
- BLANCHOT, MAURICE (1955). *L'espace littéraire*. Paris: folio essais, 1988.
- CAMPOS, ALVARO (1922). *Contemporanea. Grande Revista Mensal*. Lisboa: Contexto, 1986.
- CASSIN, BARBARA (COORD.) (2004). *Vocabulaire européen en des philosophies*. Paris: Seuil/Le Robert.
- GIL, JOSÉ (1988). *Fernando Pessoa ou la métaphysique des sensations*. Paris: Éditions de La Différence.
- PACHET, PIERRE (2001). *Les Baromètres de l'âme. Naissance du journal intime*. Paris: Hachette «Pluriel».
- PESSOA, FERNANDO (1998). *Livro do Desassossego. Composto por Bernardo Soares, Ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Richard Zenith (ed.). Lisboa: Assírio & Alvim.

- (2003). *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. edição e posfácio Richard Zenith (ed. y posf.), Manuela Parreira da Silva (col.). Lisboa: Assírio & Alvim.
- (2012) *Teoria da heteronímia*. Fernando Cabral Martins y Richard Zenith (eds.). Lisboa: Assírio & Alvim.

Salado, Régis

«Heteronímia e desassossego: duas figuras persoanas do estranhamento». *El hilo de la fábula. Revista anual del Centro de Estudios Comparados* (15), 67–78.

Fecha de recepción: 17 · 09 · 14

Fecha de aceptación: 14 · 11 · 14